

Minha Segunda Igreja

Pe. AZARIAS SOBREIRA

*O amigo é um irmão, mas um irmão
escolhido por nós mesmos. — E. Faguet.*

Logo abaixo da Religião, a cujo serviço totalmente me consagrei, existe para mim uma segunda Igreja: a amizade.

Desde a idade de onze anos percebi, num episódio doméstico de que já me ocupei, o incomparável valor do verdadeiro amigo. E comecei a suspirar por êle, assim como se suspira por um elemento indispensável à nossa integral felicidade. Ainda adolescente, li com sofreguidão o apreciado livrinho de Emílio Faguet sôbre a amizade, e sobretudo daquele tempo data o meu empenho por vê-la concretizada junto de mim, embora sabendo quão difficil é aclimá-la às exigências do nosso egoísmo.

De tanto meditar sôbre o assunto, acabei por ajustar ao meu paladar, alterando-lhe um pouco a forma, uma judiciosa quadrinha de Manuel Bernardes :

Amigo, palavra cara,
Feliz quem pode achar um !
O nome é *cousa* comum,
Porém a *cousa* é bem rara.

Pois hei de possuir, em carne e osso, essa entidade tão subtil, dizia eu com meus pensamentos em ordem de batalha. Com tôdas as veras dalma, hei de devotar-me à sua conquista, por mais que surjam decepções ao longo do meu caminho. Não descansarei enquanto não puder contar com um amigo decidido e leal, capaz de me compreender e ser por mim compreendido; amigo discreto e devotado, franco e à altura de apreciar devidamente o alto preço de uma franqueza bem entendida.

Do citado psicólogo francês, transcreverei abaixo uns tópicos que em 1910 copiei para meu uso e em mim produziram benéfica repercussão.

“O que buscamos no amigo é um ente semelhante a nós.

A amizade é confiança, confidência, permuta de verdades íntimas que a outrem não ousariamos confiar. O sinal da amizade é a franqueza, mesmo em apontar os mútuos defeitos. Esta fé que um deposita no outro é a própria amizade. A confiança começa no dia em que, por pura dedicação, começamos a falar ao amigo com a necessária franqueza; mas a docilidade (em aceitar essa nova linguagem) é que lhe dá solidez. Jamais poderão ser um livro fechado, para quem possui verdadeira amizade, as lucubrações mentais, as vicissitudes, os sofrimentos e as esperanças do seu amigo". (1). z

A experiência tem-me ensinado que só é viável uma amizade digna dêste nome entre pessoas de igual nível social e que, tendo a mesma religião e o mesmo sentimento de dignidade, prescindem ordinariamente, em suas constantes relações, de dois fatores altamente corrosivos: a lisonja e a susceptibilidade. Alissonja é uma espécie de gangrena dos afetos superiores, e não há mais seguro sintoma de próxima traição. A susceptibilidade, por sua vez, atua sôbre o espírito alheio como medicamentos drásticos sôbre o organismo: alteram-lhe o ritmo funcional e dão margem a insólitos fenômenos de reação.

Entibiam-se fàcilmente as amizades se às mesmas, vez por outra, vem a faltar o lubrificante de periódicos obséquios e visitas, ou se as demonstrações de benquerença não são regularmente retribuídas. O retraimento de uma das partes revela excessivo egoísmo ou indelicadeza, defeitos incompatíveis com a amizade.

Também só por exceção pode ela subsistir entre homens cujas respectivas famílias se olharem com manifesta desconfiança ou animosidade. Basta uma palavra lançada a jeito, mesmo sem segundas intenções, para ir arrefecendo o calor da afeição que os irmanava. Até entre chefes de Estado, ainda deve ser êste, suponho, um dos mais seguros expedientes de que lança mão a astúcia para cavar a intriga e criar divórcios irremediáveis. Tenha cuidado, pois, o amigo em prevenir possíveis rivalidades dos seus entes queridos para com os daquele com quem costuma partir o pão do mais nobre dos afetos.

*
* * *

O travo de certas amizades do qual, com tamanho azedume, Camilo Castelo Branco nos deixou imperecível éco no seu soneto

(1) A expressão contida no parêntese é minha — O Autor.

“Amigos”, (2) êsse amargurado depoimento, longe de me desalentar, apenas me aguçou a sêde. Na pertinaz batida pelo meu velocino de ouro, experimentei acerbas amargas. Mas, reagindo sempre contra as insinuações do pessimismo; levando em conta as intenções adivinhadas, mais do que determinadas atitudes de ocasião, estou que nem sempre malhei em ferro frio.

Para atingir o alvo, de trinta anos para cá, raramente deixei sem resposta uma carta recebida, viesse donde viesse, contanto que fôsse honesto e razoável o seu assunto. Nada menos de oito mil epístolas escrevi, às vêzes roubando os momentos destinados ao descanso; e diz-me a consciência que à resposta esperada fiz o que pude para dâr tôda a alma de que sou capaz, esposando a sorte de meus consulentes, como se fôra a minha própria sorte.

Até onde estive em mim, ou ao alcance de um honesto empenho meu, envidei esforços para que, sem perda de tempo, desaparecesse aquela desavença, voltasse à normalidade aquêlar, fôsse alcançado aquêlê justo melhoramento... Para isso ser obtido, inúmeras vêzes tive de escrever a sacerdotes, chefes políticos, advogados, bispos, interventores federais, ministros de Estado, diretores de colégio, de leprosário e hospício, sem exclusão do próprio Chefe Nacional. E desfrutei a consolação de ser, quase sempre, atendido, possibilitando bens que eu jamais poderia proporcionar.

Através de tão dilatados anos, couberam-me sérios dissabores ocasionados, muitas vêzes, por más interpretações, quando não por minha falta de traquejo e tacto diplomático. É que não aprendi a sorrir em certos momentos, como meio de despistar indivíduos com quem nada se ganha em trocar idéias. Por mais que seja sombria a perspectiva, sempre me inclino a tentar a sorte, na esperança de ganhar aquêlê próximo; e daí uma série bem longa de angústias...

Uma destas consistiu em ter sido indigitado como protector de criminosos, exatamente quando, expondo talvez a própria vida, com o exclusivo fim de ver em paz uma extensa faixa do sertão de Pernambuco, metia empenhos para afastar dali dois grupos de terríveis cangaceiros que então se digladiavam, semeando o terror naquela despolicada região. Após várias tentativas, consegui a paz almejada, porém a dúvida contra a inocência de meus propósitos perdurou em mais de um espí-

rito, talvez por acostumado a mercadejar com o bem da coletividade. (3).

*
* *

Isto tudo não obstante, creio não errar quando me atribuo a dita de possuir meia dúzia de autênticos amigos.

Quando, em 1928, estive para morrer, assaltado de uma moléstia que parecia contagiosa e de problemática cura, quatro entre eles me deram eloqüentíssimos testemunhos de dedicação. Não só foram buscar-me para seu próprio lar, a fim de nele ser tratado; mas, ante minha invacilável recusa, ficaram me assistindo, mesmo a grande distância, por todos os meios ao seu alcance, até que pude retomar o trabalho. E nessa época era sem qualificativo o meu sucumbimento monetário.

Um deles, destacado membro do clero carioca e meu ex-colega de estudos, depois de ter vindo de tão longe visitar-me, por cartas e presentes fez muito para me suavizar o longo ostracismo. Isto ia ao ponto de pretender também que ou fôsse ser tratado no seu longínquo presbitério e às suas próprias expensas.

Minha irmã, embora recém-casada e tendo contra si os protestos meus e do marido, rompeu a cavalo duzentos quilômetros de sertão a dentro para ficar a meu lado, como ficou, esquecida do que mais grato devia ser-lhe ao coração de espôsa.

Dois entre eles, vendo-me acamado e em risco de perder o derradeiro ano de curso ginásial, tomaram a heróica iniciativa, fielmente cumprida, de revezarem-se à minha cabeceira, durante os recreios, repassando para mim as principais matérias. Graças ao seu desvêlo, pude vencer a batalha sem abrir um só livro !

O mais recente de todos (e data de vários anos nossa amizade), em novo assalto de enfermidade, sabendo-me sem o mais pequeno lastro financeiro, pôs-me nas mãos quase tôdas as suas reservas pecuniárias, o bastante para o inadiável tratamento a que me submeti e do qual me veio, aos poucos, a esquivar saúde.

Digam, portanto, o que quiserem os desiludidos da amizade. Para mim ela tem existido com as mais peregrinas credenciais, e por isto eu a reputo a minha segunda Igreja, com acrisolado culto de devoção.

(3) Estes aguerridos grupos de bandidos eram capitaneados, respectivamente, por Cravo Roxo e Sinhô Plano.

(2) — Eis o célebre soneto a que fiz alusão e que tão exatamente retrata a sombria realidade :

OS MEUS AMIGOS

Amigos cento e dez, e talvez mais,
eu já contei. Vaidades que sentia !
Peisei que sôbre a terra não havia
mais ditoso mortal entre os mortais.

Amigos cento e dez, tão serviçais,
tão zelosos das leis da cortesia,
que, eu, já farto de os ver, me escapolia
às suas curvaturas vertebrais.

Um dia adoeci profundamente.
Ceguei. Das cento e dez houve um sômente
que não desfez os laços quase rotos.

— Que vamos nós, diziam, lá fazer ?

Se êle está cego, não nos pode ver. . .

— Que cento e nove impávidos marotos !

A propósito da leitura dêste meu artigo, eis o que, depois de o haver lido, mandou dizer-me, do Rio, o abalisado educador e intelectual que é o Dr. J. Moreira de Sousa :

“Inicialmente, deixe assegurar-lhe o agrado que me causou o seu trabalho, onde vejo fielmente retratada a sua psicologia com a justeza da narração, a delicadeza da expressão, o aprumo moral das atitudes. Você continua igual a si mesmo, dentro de sua vocação, atendendo ao chamado de Deus e escolhido por Ele para missão de paz e confôrto espiritual.

“Eu, de mim, posso dizer-lhe o mesmo: feliz na minha missão de chefe de família, eduquei os filhos com o pensamento de fazê-los úteis à Patria, cada qual dentro dos limites que a Providência lhe traçou, sem forçar a quem quer que fôsse, atento apenas à existência de talentos com que haviam sido aquinhoados, cada um de per si. Diz-me a consciência que agi com acêrto.

“Você, meu Azarias, despertou em mim, com a leitura de sua composição, uma série de reminiscências, suaves e salu-

tares. Quanto tempo já se passou e como são ainda bem nítidos os passos vacilantes que demos, por mera intuição, aprimorando-nos, adextrando-nos, preparando-nos ! Como devemos sentir-nos contentes !

“O soneto: — *Amigos, cento e dez...* quanta vez o recitamos, um para o outro, já naquele tempo, mal saindo da adolescência, admirados da versatilidade da natureza humana e da sabedoria do poeta, feita de experiência! *Amigos, cento e dez...* Lembra-se? No recreio, quando jogavam dominó, Aureliano Matos e Conduru Pacheco, hoje bispos, quando José Ferreira fazia carimbos e dentaduras e Raul Vieira se adextrava na conversação do francês e do inglês com o Padre van Gestel, nós, a um canto do recreio, ou no quarto das malas, fazíamos torneio literário, dizendo, de memória, quanto sabíamos da arte dos outros !

“Na praia, tôdas as quarta-feiras à tarde, nós dois, indo e vindo, da ponte metálica à Praia do Meireles, quase perto do Mucuripe, à medida que o sol descia, dizíamos versos, melhorando a nossa dicção, aperfeiçoando o gesto, criticando a entoação, tudo com o propósito de esmerarmos a eloquência para as fainas de um apostolado futuro. Recordar-se?... *Deserta a causa está...* *Meu Deus, como é tamanha esta saudade!* (José Bonifácio, o moço) — *Como a ave que volta ao ninho antigo...* *Chorava em cada canto uma saudade!* (Guimarães Júnior) — *Ser mãe é desdobrar, fibra por fibra, o coração* (Coelho Neto) — *Geme enferma, no berço, a criancinha...* (Afonso Celso) — *Ontem viu-se-lhe, em casa, a espôsa morta...* (Antônio Tomaz).

“Saíamos por aí: — Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia. Chegávamos a Portugal: — João de Lemos, Guerra Junqueiro, Antero de Quental...

“Foi um encanto ler o seu “Minha Segunda Igreja.” Lí-o três vêzes e peço-lhe que me dê a ler outros capítulos.”

4 — nov. — 1951.